



Educom: a utilização do rádio como meio de ação pedagógica¹

Claudia da Consolação Moreira - Universidade Federal de Mato Grosso²

Manoel Francisco de Vasconcellos Motta - Universidade Federal de Mato Grosso³

Este trabalho estudou a educação pelo rádio e a implantação do projeto Educom.Rádio Centro-Oeste. O Educom foi realizado pelo Núcleo de Comunicação e Educação da USP em parceria com o MEC, Fundação de Apoio da Universidade São Paulo, Unesco e Secretarias de Educação da região. Entre os objetivos do Projeto estão: - introduzir o conceito e procedimentos da educomunicação; - formar profissionais de educação, alunos e comunidade, para o uso da linguagem radiofônica. Este estudo situa-se na perspectiva qualitativa e documental. Constatou-se que o projeto Educom.Rádio permitiu aos educadores, comunicadores e outros agentes sociais que ampliassem seus espaços ecossistemas comunicativos abertos e criativos.

Palavras-chaves: Educação, Comunicação, Educomunicação, Educom.Rádio, Rádio.

A educação pelo rádio tem sido um tema bastante estudado, no campo da comunicação e da educação, dada às várias possibilidades que ele pode abrir para a construção de uma sociedade mais justa e humana. Busca-se um caminho para administrar os efeitos das constantes transições pelas quais vem passando todas as nações, cujas relações financeiras, econômicas, políticas e sociais fazem parte de um processo que se tornou irreversível, como a globalização. Nesse sentido, a educação deve ser pensada de forma global e planetária, inclusive fora do ambiente escolar tradicional.

Roquette Pinto um dos pioneiros da radiodifusão no Brasil, disse: “o homem brasileiro, não precisa ser modificado, nem substituído. Ele precisa ser educado”. Para atingir esse propósito Roquette Pinto tinha o ideal de transformar rapidamente a

¹ Trabalho apresentado ao GT Comunicação Aplicada ou Segmentada (Turismo, Esporte, Educação, Hospitalidade), do VIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste.

² Possui graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal da Paraíba, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. Atualmente é professora do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Mato Grosso.

³ Possui graduação em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco, mestrado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos e doutor em Educação pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de Mato Grosso.



mentalidade popular, por meio de uma cadeia de emissoras de rádio, que alcançaria todo o país, composta por emissoras-escolas localizadas em todos os Estados e municípios, tendo apoio financeiro do Governo Federal.

A definição de Roquette Pinto sobre aquele meio de comunicação que parecia trazer uma revolução no final da década de 20, no Brasil era “o rádio é a escola dos que não têm escola. É o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças, o consolador dos enfermos e o guia dos sãos – desde que o realizem com espírito altruísta e elevado”. Os discursos de Roquette feitos através da primeira emissora de rádio oficial brasileira, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada em 1924 eram sempre concluídos com o lema daquela: “Pela cultura dos que vivem em nossa terra. Pelo progresso do Brasil”.

Este trabalho se orientou pelo uso de uma metodologia que pode ser identificada na tradição teórico-metodológica da pesquisa qualitativa. A preocupação principalmente esteve voltada sempre para procurar compreender uma experiência ainda em processo. Para tanto procuramos fazer uma leitura da bibliografia relacionada com a problemática da rádio educação. Entre os autores que constituem referência para esta discussão utilizamos Mario Kaplún, na medida em que são os seus trabalhos que chamam a atenção para a inter-relação comunicação/educação. Dando um suporte teórico que permite articular a qualificação de professores com competência adequada ao uso do rádio na escola. Na perspectiva mais especificamente pedagógica esse trabalho deve a Paulo Freire o entendimento de que a ação de educar pelo rádio é fundamentalmente uma ação cultural que tem um profundo compromisso social e político.

Este estudo foi desenvolvido no Grupo de Pesquisa: Educação, Jovens e Democracia (GPEJD), na linha de pesquisa Movimentos Sociais, Política e Educação Popular, da área Educação, Cultura e Sociedade do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), vinculado ao projeto de pesquisa: Estado e Sociedade na Educação da Juventude: iniciativas da sociedade civil e propostas governamentais.



Educomunicação

O projeto Educom.Rádio é uma iniciativa que realiza uma ação educacional que estabelece um vínculo entre educação e comunicação utilizando o rádio como elemento de ação pedagógica para formação do jovem. Em Mato Grosso ele foi implantado no ano de 2004 em uma parceria entre o MEC, Unesco, NCE/ECA e Seduc-MT.

Desta forma, o Educom.Rádio apresenta-se como uma aplicação do conceito de educomunicação através das ações nas seguintes áreas: educação para a recepção crítica dos meios de comunicação; mediação tecnológica em espaços educativos, e; gestão da comunicação em espaços educativos.

Mário Kaplún foi um dos primeiros a empregar o termo “educomunicação” para instituir o campo da Educação para a Comunicação – ou da leitura crítica dos meios de comunicação – e, é neste sentido que o conceito é habitualmente compreendido entre autores latino-americanos.

O conceito de Educomunicação designa todos os esforços realizados pela sociedade no sentido de aproximar os campos da Cultura, Comunicação e Educação. Trata-se de um campo que nasce na sociedade civil, consolidando-se ao longo dos anos 70 a 80, especialmente na prática das organizações não-governamentais que passaram a usar os processos e os meios de comunicação (leia-se jornais e rádios comunitárias) para consolidar seus projetos no campo da cidadania.

Educação e Comunicação são áreas do saber, de acordo com a história, recentes. Em suas atuais concepções são criações do século XVIII (a educação) e do século XIX (a Comunicação), momentos em que se constituíram as bases sobre as quais foram edificados seus respectivos modelos: à Educação, incumbida da instrução e formação do homem e, à Comunicação, a informação, o lazer e a divulgação da produção comercial ou cultural.

O conceito e as práticas educacionais somam-se às propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais no que se refere especialmente à área das linguagens



e suas tecnologias. O conceito de educomunicação sugere a construção de ecossistemas comunicativos abertos, dialógicos e criativos, nos espaços educativos, dissolvendo a hierarquia na distribuição do conhecimento, justamente pela importância de que todas as pessoas envolvidas no fluxo da informação são produtoras de cultura, independentemente, de sua função que ocupam no ambiente escolar. O ecossistema comunicativo estará sempre em construção, por isso, aberto. Para aperfeiçoá-lo é importante evitar rejeições e conflitos com os educadores e agentes sociais que defendem concepções mais tradicionais de relações humanas nos espaços educativos. Para evitar conflitos é interessante começar dos pontos de consenso, como por exemplo, a necessidade de se melhorar as habilidades de professores e alunos no manejo das tecnologias da informação. Para Ismar de Oliveira Soares (2004), é fundamental implementar as práticas da Educomunicação a partir da introdução da linguagem audiovisual na educação. Portanto, a comunicação precisa ser planejada, administrada e também avaliada sempre.

Em trabalho apresentado durante o I Congresso Internacional de Comunicação e Educação, promovido pelo NCE/ECA-USP, em São Paulo, em maio de 1998, Geneviève Jacquinot, da Universidade de Paris VIII (Sorbonne), afirma que a escola é uma instituição ao mesmo tempo educativa, social e política. Esta tríplice dimensão subsiste, mas cada uma delas vem sofrendo visíveis modificações nas últimas décadas, sempre que o sistema formal de educação se aproxima das filosofias e das práticas da comunicação, sob a ação eficaz do educador, ou seja, um novo mediador cultural (JACQUINOT, 1998).

Jacquinot ressalta que este profissional, o educador, é alguém que tem a dupla função teórica, trabalhando na convergência entre as ciências da educação e as ciências da comunicação. O educador precisa estar atento e ser consciente que uma educação “de massa” e “multicultural”, situa-se além da simples aquisição de conhecimentos escolares; Procura não desvalorizar a cultura midiática, principalmente televisiva dos jovens, em sua especificidade cultural, mas apóia-se nela nos cursos de educação para os meios como em outros cursos; Vê nos meios uma riqueza pelos seus conteúdos informativos certos, mas também pela maneira em que eles fornecem uma



representação do mundo: donde a necessidade de analisar e de comparar, visando retificar as ditas representações; Está convencido que a uma emissão não é um ato “passivo”, mas mobiliza uma quantidade de “micro-saberes” acumulados que o professor pode ajudar o aluno a colocar em relação, para construir seu conhecimento e lhe dá sentido; O educador deve introduzir os meios de comunicação como objeto de estudo, não para fazer do aluno um aprendiz de jornalista ou apresentador, mas para ensiná-lo a analisar do ponto de vista do “poder” econômico e ético (político), das montagens que lhes dá “sentido”; E, principalmente, que aceita um novo referencial para a relação educador-educando: o aluno pode ensinar ao professor (sobretudo no domínio das novas tecnologias), os alunos podem ensinar uns aos outros (especialmente confrontando seus pontos de vista ou suas fontes de informações, ou suas soluções para o problema, em diálogo direto na sala de aula e construir progressivamente um pensamento crítico. O professor educador percebe que não há mais monopólio da transmissão do conhecimento, e não é só o professor que tem o direito da palavra (JAQUINOT, 1998).

Paulo Freire foi um dos primeiros educadores brasileiros a delinear um conceito de comunicação e sua ligação com a educação. No seu livro *Extensão ou Comunicação* o autor coloca uma noção de comunicação que se fixa no agir pedagógico libertador. Para Freire a comunicação é “co-participação dos sujeitos no ato de pensar”. “O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo” (FREIRE, 2002, p. 66). Para ele “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 2002, p. 69).

Mário Kaplún (1997) chama a inter-relação comunicação/educação de Comunicação Educativa, cujo papel é dar a educação um suporte capaz de qualificar os professores para que possam adquirir uma competência necessária ao uso adequado dos meios. Para Kaplún a relação comunicação/educação pode ser entendida considerando o modelo transmissor, que concilia a educação como transmissão de conhecimentos para serem memorizados e aprendidos pelos alunos. Ou seja, os meios não criam ideologia,



mas veiculam a ideologia dominante, ocorrendo um código comum entre emissor e receptor. Desta maneira, os alunos são depositários das informações recebidas. Esta concepção para Paulo Freire é denominada de *educação bancária* onde os alunos recebem as informações ou conteúdos de forma passiva, sem questionamentos e a avaliação por sua vez, vai verificar a assimilação de tais conteúdos, sem vínculo com o contexto.

Assim, a comunicação é entendida de forma unidirecional. A mensagem do emissor é transmitida para o receptor, sem possibilidade de diálogo. Ainda, conforme Kaplún (1997), outro modelo educativo baseia o processo ensino/aprendizagem na participação ativa os alunos, sendo considerados sujeitos da educação. A troca de experiências entre professores e alunos é um processo ativo de construção e reconstrução do conhecimento. Educar-se é, sobremaneira, envolver-se em uma rede de interações. Essa opção tem seu correspondente na comunicação entendida como diálogo em um espaço entre emissor e o receptor, que também se fundamenta no pensamento de Paulo Freire:

Para ser autêntico só pode ser dialógico. E ser dialógico, para o humanismo verdadeiro, não é dizer-se descomprometidamente dialógico; é vivenciar o diálogo. Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não *sloganizar*. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. Esta é a razão pela qual, sendo o diálogo o conteúdo da forma de ser própria à existência humana, está excluído de toda relação na qual alguns homens sejam transformados em ‘seres para o outro’ por homens que são falsos ‘seres para si’. É que o diálogo não pode travar-se numa relação antagônica. O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, “o pronunciam”, isto é, o transformam, e transformando-o, o humanizam para a humanização de todos (FREIRE, 1979, p. 43).

A educação para os meios sugere uma reformulação da atitude dos professores que necessitam aceitar que não são mais os únicos detentores do saber e que não existe mais uma única forma de ensinar e aprender. O professor entendido como facilitador de aprendizagens é um intermediário de saberes, desta forma, praticando uma pedagogia ativa centrada no aluno e que tem um papel decisivo na construção do jovem crítico e ativo. Com o que também concorda Jacquinet,

[...] o educador reconhece que não há mais monopólio da transmissão desconhecimento, e que não é só o professor que tem o



direito a palavra. Os professores que introduziram os meios na escola, a imprensa, a televisão, puderam perceber que isso provoca uma mudança nos objetivos e nos métodos de ensino (JACQUINOT, 1998).

A educomunicação tem como finalidade construir a cidadania, a partir do pressuposto do exercício do direito de todos à expressão e à comunicação com o foco no rádio e em outras mídias.

O rádio como meio de ação pedagógica

O rádio no Brasil já nasceu educativo assegura Ângelo Piovesan (1986). Mas completa, voltado para uma educação de elite, como pode ser comprovado pela programação e pela disponibilidade de aparelhos receptores, artigos raros no seu aparecimento. Elitista sim, porém não por muito tempo. Conforme Lopes (1988, p. 110), o rádio em seguida se configurou como o primeiro meio de comunicação verdadeiramente de massa. Essa condição pode ser medida pela própria preocupação do Estado, que já em 1931 regulamentava oficialmente seu funcionamento, liberando seu uso para exploração comercial. Era o início do rádio como indústria cultural, ao mesmo tempo em que dava voz aos sonhos ditatoriais de Getúlio Vargas, através do Departamento de Imprensa e Propaganda.

Para Kaplún a educação radiofônica é compreendida,

[...] será entendida aqui um sentido amplo: no solo lãs emisiones especializadas que imparten alfabetización y difusión de conocimientos de valores, La promoción humana, El desarrollo integral del hombre y la reflexión y convertir a cada hombre em agente activo de h transformación de su médio natural, econômico y social (KAPLÚN, 1978, p. 21).

Mais adiante ele complementa, “No se preocupa tanto de la matéria a ser comunicada ni los resultados em términos de comportamiento, sino más bien de la interacción dialéctica entre las personas y su realidad (p. 32)”.



Kaplún estabelece, que as características que devem ter os programas de rádio para se assentar em uma educação radiofônica problematizadora: - Estimulam o desenvolvimento de processos nos ouvintes, mais que simplesmente inculcá-los conhecimentos ou com o intuito de perseguir resultados práticos imediatos; - Ajudam o ouvinte a tomar consciência da realidade que o rodeia, tanto física como social; a integrar-se a essa realidade; partindo de sua própria problemática concreta, de sua situação vivencial; - Facilitam os elementos necessários à compreensão e problematização dessa realidade. Sejam programas problematizadores; - Estimulam as inteligências, exercitando o raciocínio; façam pensar, levando a uma reflexão; - Identificam-se com as necessidades e os interesses da comunidade popular a que se dirigem; - Estimulam o diálogo e participação. Em alguns casos devem tomar a forma de programas diretamente participativos, criando as condições pedagógicas para o desenvolvimento de uma prática de participação, acentuando os valores comunitários e solidários, levando a processos de cooperação; - Estimulam o desenvolvimento da consciência crítica e a tomada de decisão autônoma, madura e responsável; - Colaboram para que o ouvinte tome consciência da própria dignidade, de seu próprio valor como pessoa.

Para Kaplún, a definição fundamental desse entendimento de educação radiofônica consiste em transformação de um homem acrítico em um homem crítico; de um homem a quem os condicionamentos do meio lhe impõem uma atitude indiferente, conformista, fatalista, a um homem que assume seu próprio destino; um homem capaz de superar suas tendências egoístas e individualistas e abrir-se aos valores solidários e comunitários.

O rádio é um veículo universal, viaja o mundo em ondas curtas, médias e tropicais conectando continentes instantaneamente, isso sem falar, das emissoras de frequência modulada, das redes via satélites e das que trafegam pela internet. O rádio é um meio “cego”, mas que tem forte potencial de estimular a imaginação, uma vez que o ouvinte ao ouvir a mensagem do locutor tenta visualizar o que ouve, as paisagens e os sons do rádio são criados dentro de nós, individualmente. “Ao contrário da televisão, em que as imagens do rádio são limitadas pelo tamanho da tela, as imagens do rádio são do tamanho que você quiser” (MCLEISH, 2001, p. 15).



A simplicidade técnica do rádio dá oportunidade para que pessoas não especializadas se arrisquem em “fazer rádio”. Além disso, essa singeleza proporciona ao radialista tornar a programação flexível, o que dá imediatismo e instantaneidade ao veículo. Isso permite que a informação seja disseminada rapidamente, conseqüentemente, o ouvinte saiba dos fatos no momento em que acontecem.

O rádio acelera a disseminação da informação de modo que todos – líderes e liderados – ambos ficam sabendo da mesma notícia, da mesma idéia política, declaração ou ameaça. Se conhecimento é poder, o rádio dá poder a todos nós, quer exercitemos ou não algum tipo de autoridade (MCLEISH, 2001, p. 16).

O rádio hoje é uma mídia pessoal, livre de fios e tomadas, pode ser levado a qualquer lugar. Pode ser ouvido mesmo em lugares onde não haja energia elétrica. É importante também falar que pode ser ouvido mesmo que as pessoas estejam realizando as mais distintas tarefas.

O rádio é um veículo de baixo custo diante de outros veículos, tanto para empresários quanto para ouvintes. No Brasil hoje, a dificuldade para se criar uma rádio esta em conseguir uma autorização do Governo Federal.

O uso do rádio no espaço escolar constitui-se numa modalidade que possibilita toda a comunidade a oportunidade de analisar as informações que se recebe dos meios de comunicação de massa, com critérios objetivos e a partir de um contato real com um meio de comunicação. O rádio, usado como elemento eficaz na produção de cultura pode contribuir, sendo uma porta de entrada ao conhecimento de novos estilos, formatos, linguagens, histórias de vida. No texto motivador “A Rádio Educomunicativa”, do ambiente virtual de aprendizagem do Educom.Rádio Centro-Oeste, fica claro esta possibilidade,

[...] o rádio, quando trazido para o ambiente escolar, opera uma ressignificação das linguagens, privilegiando a linguagem oral. Com isso, permite um resgate da oralidade, traço marcante em nossa cultura, e também das identidades culturais dos envolvidos, inscritas nos seus repertórios. Ao permitir esse movimento, por outro lado, a linguagem radiofônica no contexto escolar amplifica a possibilidade de expressão e também o resgate da auto-estima: as pessoas, principalmente os alunos, descobrem que, mesmo tendo dificuldades para operacionalizar a linguagem escrita (até então a única considerada legítima pela escola tradicional) tem a possibilidade de se expressar pelo rádio (LAGO, JIMENEZ E VICENTE, 2005).



Diante desta constatação podemos dizer que, a probabilidade de ver os indivíduos, não como meros receptores passivos dos conteúdos impostos pelos meios de comunicação, mas como seres capazes de ressignificar criticamente as mensagens recebidas. E considerando, a evidente eficácia da linguagem dos meios, no caso o rádio, a busca de sua apropriação com objetivos emancipatórios, educacionais e dentro de uma prática comunicativa que renuncie os limites de comando e os discursos dominantes. Isto permite que os envolvidos tomem posição diferenciada em seu ambiente, como indivíduos aptos que passam a concorrer com aquelas que os envolvidos se sintam introduzidos no grupo, estreitando vínculos, inserindo seus projetos pessoais em um projeto maior, coletivo, e sentindo-se “pertencer” a este ambiente que está em transformação (LAGO, JIMENEZ E VICENTE).

A melhoria das relações interpessoais, a ampliação da capacidade de expressão da comunidade escolar e o fortalecimento do ecossistema comunicativo são as ações educacionais que orientam o trabalho do rádio na escola. Esse trabalho tem diferenças significativas com a mera criação de uma rádio dentro da escola. Ele parte do princípio que a rádio não é um fim em si, é um meio para garantir uma gestão democrática desse ambiente, uma gestão que congregue, em igualdade de condições e direitos, todos aqueles que mantêm vínculos com o espaço escolar: educadores, funcionários, alunos e membros da comunidade (LAGO, JIMENEZ E VICENTE).

A criticidade e as finalidades que se acham nas relações entre os seres humanos e o mundo implicam em que estas relações se dão com um espaço que não é apenas físico, mas histórico e cultural. Para os seres humanos, o aqui e o ali envolvem sempre um agora, um antes e um depois. Desta forma, as relações entre os seres humanos e o mundo são em si históricas, como históricos são os seres humanos, que não apenas fazem a história em que se fazem mas, conseqüentemente, contam a história deste mútuo fazer (FREIRE, 2006).

A escola não esta conseguindo se transformar num elemento de referência. Talvez isso seja, de fato, o mais importante nos dias atuais, nessa busca renovada de um projeto pedagógico: a grande questão não é mais apenas entender e utilizar as tecnologias na escola, e sim resgatar o sentido que dá origem ao uso das tecnologias, a presença, o estar presente (SOUSA, 2001).



Educom.Rádio na região Centro-Oeste

O Educom.Rádio Centro-Oeste foi realizado, entre 2003 e 2006, pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo em parceria com o Ministério da Educação - MEC (por meio da Secretaria de Educação à distância - SEED e da Secretaria de Educação Média e Tecnológica - SEMT) e a Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo - FUSP, com apoio das Secretarias Estaduais de Educação dos Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás.

O NCE começou suas atividades em 1996 reunindo um grupo de professores de várias universidades brasileiras interessadas na inter-relação entre Comunicação e Educação. O primeiro grande trabalho do NCE foi uma pesquisa, realizada entre 1997 e 1998, com 178 especialistas das áreas de comunicação e educação de 12 países da América Latina e países da Península Ibérica para saber o que pensavam os coordenadores de projetos na área e qual o perfil dos profissionais que trabalham nesta inter-relação Educação e Comunicação. Com os dados resultantes da pesquisa Ismar de Oliveira Soares - professor da ECA/USP e coordenador do NCE - chegou à conclusão de que um novo campo de intervenção social denominado educomunicação ganhara densidade própria e legitimação pública. Para ele a definição de educomunicação é representada pelo conjunto das ações, envolvendo ou não tecnologias da informação, que permitem que educadores, comunicadores e outros agentes sociais promovam e ampliem, em seus espaços, ecossistemas comunicativos abertos e criativos, capazes de garantir a democracia das relações, a pluralidade da expressão dos membros da comunidade e a eficiência na condução de seus fluxos de informação, tendo como meta o exercício pleno da democracia e da cidadania. Soares concluiu que,

[...] a existência de uma nova figura profissional a que denominamos de Educomunicador. [...] o Educomunicador é o profissional que demonstra capacidade para elaborar diagnósticos e de coordenar projetos no campo da inter-relação Educação/Comunicação (SOARES, 2005, p. 111).

Na região Centro-Oeste, 70 escolas estaduais do ensino médio foram beneficiadas, sendo 20 em Mato Grosso, 20 em Mato Grosso do Sul e 30 em Goiás,



incluindo-se centros educacionais indígenas e quilombolas. No Estado de Mato Grosso 725 pessoas foram envolvidas diretamente, sendo 5 da equipe técnico-pedagógica, 40 professores-cursistas, 600 estudantes e 80 membros da comunidade. O projeto Educom.Rádio Centro-Oeste entregou um laboratório de rádio, para cada escola participante. O laboratório radiofônico, entregue a cada escola participante do projeto é regulamentado pela resolução nº 305, de 26 de julho de 2002, da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel). No *kit* Educom constavam uma mesa de áudio com oito canais, duas caixas de som receptoras, antena, transmissor de frequência modulada - entre 220 e 270 mega hertz -, dois microfones, dois gravadores de mão, um toca-CD e toca-fitas duplo. O laboratório do Educom.Rádio não se trata de uma rádio comunitária para a escola, e sim, uma rádio restrita, o sinal chega somente onde às caixas receptoras forem instaladas, de preferência dentro das dependências da unidade escolar.

A introdução do conceito e os procedimentos da educomunicação nos espaços educativos de 70 escolas do ensino médio da região Centro-Oeste é um dos objetivos do projeto Educom.Rádio Centro-Oeste. Bem como, oferecer subsídios teóricos para a compreensão dos processos comunicativos na sociedade da informação; - Formar profissionais de educação, alunos e comunidade, para o uso da linguagem radiofônica na escola, ampliando as habilidades de expressão dos participantes; - Propiciar aos participantes do projeto habilidades voltadas para o campo do planejamento, implementação e avaliação de projetos educacionais através do uso da linguagem radiofônica.

Fundamentalmente, o projeto Educom.Rádio Centro-Oeste - *Educomunicação pelo rádio em escolas do ensino médio da Região Centro-Oeste* - ofereceu subsídios teóricos para a compreensão da natureza do fenômeno comunicativo na sociedade da informação. Além de ampliar as habilidades de expressão dos participantes e das equipes de alunos e dos membros das comunidades com os quais passariam a trabalhar. Além de colaborar para que os cursistas adquirissem capacidades voltadas para o campo do planejamento, implementação e avaliação de projetos educacionais através do uso da linguagem radiofônica.



Rumos a uma conclusão

Diante da enorme lacuna existente no cenário nacional, para o uso do rádio como instrumento educativo, não existe por parte dos governos federal, estadual e municipal incentivo à criação e produção de programas puramente educacionais. Vejo que a educação informal ou sistematizada feita por meio dessas novas tecnologias possa ser apoiada numa pedagogia adequada e consciente das mudanças da Sociedade da Informação, cada vez mais exigente e ansiosa pelo conhecimento. Nota-se o enorme potencial educativo do rádio, quer por frequência modulada, ondas, ou ainda, pela internet, está totalmente sub-utilizado, servindo o rádio para reproduzir notícias ou música, sem atender às reais necessidades educacionais do povo brasileiro.

Desta forma, vejo como necessário que o rádio possa ser introduzido nas escolas, como recurso pedagógico, propiciando aos alunos a oportunidade de aprender a produzir e selecionar programas educativos de qualidade, exercendo um senso crítico sobre o que ouve e recebe através das diversas mídias. Os educadores e produtores de programas da rádio devem estar atentos para evitar a mera transposição dos modelos educativos tradicionais que ainda oferecem uma educação sem questionamentos ou críticas. Enfatizo e destaco o uso pedagógico do rádio valorizando a aprendizagem colaborativa e participativa, que ressalte os valores individuais e coletivos e estimule os indivíduos a serem co-participantes do próprio processo de evolução, aprendendo a conhecer, a fazer, a conviver e a ser. Torna-se necessário projetar o nosso futuro em termos educacionais, construirmos e consolidarmos esta sociedade, alicerçada pela ética, justiça e solidariedade, já que estas são competências que se aprendem, daí entendemos a educação como um processo amplo, um projeto para toda a vida, um bem ao qual se agregue valor permanentemente e possa ser promovido pelo uso de tecnologias que alcancem a todos.

A educação, entre outras dimensões, implica um educar-se a si mesmo. Para Kaplún, educar-se é envolver-se em um processo de múltiplos fluxos comunicativos. O sistema será tanto mais educativo, quanto mais rica for a trama de interações comunicacionais que saiba abrir e por à disposição dos educandos. Uma comunicação educativa concebida a partir dessa matriz pedagógica teria como uma de suas funções



capitais a provisão de estratégias, meios e métodos destinados a gerar o desenvolvimento da competência comunicativa dos sujeitos educandos. Esse desenvolvimento supõe a geração de vias horizontais de interlocução (KAPLÚN, 1999, p. 74).

Entendemos que a utilização do rádio na escola pode aproximar as pessoas, para que juntas aprendam a definir o que desejam tornar público sobre si mesmas. Esta seria uma forma de trabalharmos as relações interpessoais, mas essencialmente, pelo seu caráter político. Procuramos educar jovens para um tipo de organização, por meio da qual possam juntos, aprender a debater seus próprios problemas, decidir alvos e maneira de alcançá-los e apoderar-se de si mesmos. Assim sendo, o rádio pode ser concebido como um veículo com o qual podem contar para ampliar o volume de suas vozes, de forma a partilhar o que sentem e pensam.

Referências Bibliográficas

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

_____. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. **Extensão ou comunicação?** Tradução Rosisca Darcy de Oliveira. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. **Pedagogia da esperança - um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia do Oprimido: saberes necessários à prática educativa**. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

KAPLÚN, Mário. La comunicación: de médio y fines em comunicación. In: **Revista Latino-americana de Comunicación**. CIESPAL-Chasqui. Quito, Ecuador, n. 58, Junio de 1997. Disponível em <http://www.comunica.org/chasqui/kaplun.htm>. Acesso em: 05 jan. 2006.

_____. Processos educativos e canais de comunicação. In: **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo: Moderna, 1999. (p. 68-75).



_____. **Producción de programas de radio: el guión – la realización**. Quito: Ciespal, 1978.

JACQUINOT, Geneviève. **O que é o Educomunicador?** – O papel da comunicação na formação dos professores. Palestra realizada no I Congresso Internacional de Comunicação e Educação em maio de 1998. São Paulo: 1998. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce>>. Acesso em: 02 mar. 2005.

LAGO, Claudia. JIMENEZ, Márcia e VICENTE, Eduardo. **A Rádio Educomunicativa** (tópico: Pedagogia da linguagem radiofônica). Disponível em <<http://www.educomradio.com.br/centro-oeste/topicos>>. Acessado em 13 mar 2005.

MCLEISH, Robert. **Produção de Rádio** – um guia abrangente de produção radiofônica. São Paulo: Summus, 2001.

PIOVESAN, Ângelo. Rádio-educativo: avaliando as experiências das décadas 60/70. *In: Comunicação e educação: caminhos cruzados*. São Paulo: Loyola, 1986.

SCHMIDT, J. P. **Juventude e política no Brasil**: a socialização política dos jovens na virada do milênio. Santa Cruz do Sul: EdUnisc, 2001.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Agora e planejar a educomunicação**. Agenda Educom.Rádio. São Paulo: NCE-ECA/USP n. 3, primeiro semestre 2004.

_____. (org.). **Cadernos de Educomunicação**. São Paulo: Salesiana, 2001.

_____. NCE – A trajetória de um núcleo de pesquisa da USP. *In: Revista Comunicação & Educação*. São Paulo: Paulinas, 2005.

_____. **O perfil do educador**. Disponível em:< <http://www.usp.br/nce>>. Acesso em: 27 out. 2005.

_____. **Sociedade da informação ou da comunicação?** São Paulo: Cidade Nova, 1996.

SOUZA, Mauro Wilton. **Novas linguagens**. São Paulo: Salesiana, 2001.